

GHOST LOVE

DEUSA' H OLIVER



massora
e-book

vol.1

**GHOST
LOVE**
DEUSA'H OLIVER

2ª. edição

2022

© Copyright by Autora e a editora

Título: Ghost love

Autora: Deusa'h Oliver

Editor-chefe: Admilson Faria

Capa: Ildeberto Vasconcelos

Paginação: Alexandre Zua

Revisão: da autora

2.ª Edição: Março/2022

Depósito Legal (Angola): 9237/2022

ISBN: 978-989-1088-78-9

Formato: A5 | 94 páginas

DEUSA'H OLIVER

E-mail: deusaholiverescritora@gmail.com

Facebook: Deusa'h Oliver_Escritora

WhatsApp: 998460966

Instagram: deusah_oliver_escritora

Wattpad: @DeusahOliver

MASSONA E-BOOK

Editora e livraria virtual

Escritório: Rua A-3, casa nº 4 | Bairro Kapolo II | Luanda – Angola

Todos os direitos reservados para todos os países.

Este livro não poderá ser reproduzido, publicado ou transmitido, em parte ou no todo, por quaisquer meios (electrónicos, mecânicos, fotográficos ou outros) sem prévia autorização, por escrito, da autora ou da editora.

“Nem todo amor sentido
É expresso
E nem todo amor expresso
É sentido”

“Vivemos, senti e vivi o teu amor,
já não vives, ainda sinto e vivo o teu amor”

DEDICATÓRIA

À minha querida mãe que da forma mais bonita e diferente possível, aprendeu a puxar a cortina do palco das suas emoções e dá-me o privilégio de todos os dias sentir o seu amor. Ao meu querido pai que quando em vida deu-me o melhor presente que eu poderia ter “O seu amor” e hoje, mesmo já não estando aqui ainda sinto esse amor nos valores e princípios deixados. Aos meus queridos sobrinhos que nas suas chatices e momentos de euforia fazem-me sentir a tia mais amada que o universo poderia ter.

Uma dedicatória especial a todos os meus leitores, aos meus amigos e até desconhecidos que de coração tiram sempre um tempo para ler as minhas histórias. Por vocês eu farei cada vez mais e melhor.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pelo maravilhoso talento e pelos seus cuidados, e a mim mesma pela minha dedicação e persistência.

As pessoas devem ser cuidadas enquanto estão em vida, os momentos aproveitados com ânimo, euforia e as emoções sentidas com amor e sabedoria. Só existe uma oportunidade, uma única chance; pessoas são raras, momentos são únicos e devem ser aproveitados com o melhor que há no coração de cada ser humano, o amor.

O amor é um sentimento que descongela o coração gelado, esquenta o coração resfriado, acalma a dor e deixa o coração ferido curado; transmite paz, permite-nos viver com mais leveza e faz qualquer vida por mais curta que seja, valer a pena. Nem que seja apenas por alguns segundos, valerá a pena se esse um segundo for vivido com amor. Seja o amor de um pai, um filho, de uma mãe, de um tio, um sobrinho, um amigo, dá mais sabor à vida de quem é agraciado com a recepção desse sentimento por parte de quem ama, fá-lo sentir valorizado.

“Baseemos a nossa vida num amor real, num amor expresso e sentido, evitando sempre que possível um amor irreal, um amor oculto, pois o amor expresso e sentido faz qualquer vida ter sentido.”

Que as pessoas a nossa volta se sintam amadas nos pequenos e grandes gestos, nos melhores e piores momentos para toda vida, pois toda vida é apenas um momento. Que os pais demonstrem cada vez mais e da melhor forma para os seus filhos o quão amado eles são e que os filhos percebam cada vez mais e da melhor forma

possível o quanto são amados pelos seus pais, mesmo que nem sempre esse amor seja correctamente demonstrado.

Deusa'h Oliver



CAPÍTULO I

Numa tarde de sexta-feira, própria dos dias de cacimbo, pois ainda era Julho, Tchisola chegou a casa totalmente desesperada, triste, desolada. Ninguém compreendia o que se passava, pois nem ela conseguia explicar direito devido a sequência de soluços que acompanhavam o choro. Então, sem conseguir explicar-se, abruptamente correu para o quarto e lá se fechou. E já deitada na cama, derramou-se num oceano de lágrimas até adormecer.

Na manhã seguinte, ela não saiu do quarto, então a sua mãe preocupada, mas também aborrecida, bateu a porta do quarto exigindo explicações e ordenando-lhe que tomasse um banho e em seguida descesse para tomar o pequeno-almoço. Tchisola respondeu que estava sem fome e que queria ficar sozinha, mas a mãe insistiu até que ela abriu a porta e com um notável aborrecimento expresso no rosto, respirou fundo e com um ar mais sereno perguntou:

– Por que estás assim, minha filha? O que aconteceu?



Tchisola com lágrimas no canto dos olhos, concentrando-se para não chorar, explicou que tinha sido traída pelo namorado com uma das colegas e que o mesmo a tinha humilhado perante a escola toda e isso a fez sentir-se triste e abandonada.

– Por isso estás assim? – Perguntou a mãe.

– Se a mãe soubesse o quanto dói...!

– Ah! Menina, para com isso! Achei que tinha acontecido algo mais grave, a culpa é tua. Nem devias namorar ainda, estuda apenas que é o suficiente e começa já a te acostumar porque ainda vais sofrer muito nessa vida por causa de relacionamentos. És apenas uma criancinha que pouco sabe sobre a vida, guarda as lágrimas para quando aprenderes o que é sofrimento de verdade. E cuidado, filha, do jeito que és sensível e estúpida muitas vezes, será difícil encontrar alguém que realmente goste de ti. Esquece aquele jovem e para o teu próprio bem, não te apaixonas novamente para não voltares a ferir-te, enxuga essas lágrimas e desce imediatamente para o matabicho. No meu tempo levavas mexericos para chorares bem.

A filha totalmente devastada, sentiu o seu mundo desabar naquele mesmo instante. Ela esperava um apoio da mãe, mas em troca recebeu uma chicotada onde já havia tantas feridas. Sentiu-se sem forças para dizer qualquer coisa, então fingiu acompanhar a mãe e assim que a mesma já tinha os dois pés do outro lado da linha que a separava do



quarto, fechou a porta e trancada nele voltou a afundar-se naquele oceano de lágrimas. E do outro lado da porta, ecoavam os gritos da mãe contra o pai dizendo que era tudo culpa dele e que dele a filha herdara tal malcriadez. E o pai sem dizer uma só palavra, levantou-se da mesa, subiu ao quarto da filha, abriu a porta com uma chave que o mesmo tinha de reserva e com um ar sério, mas com olhar que transbordava ternura, disse apenas:

– Por favor, desce agora, senta naquela mesa e come ou ao menos finge comer para agradar à tua mãe, mas desce por favor! Eu já tenho problemas demais e ouvir tanto barulho a essa hora não me ajuda em nada, filha.

E terminando aquelas palavras, fechou a porta e retomou o seu assento à mesa onde ainda a esposa se encontrava resmungando.

«Devias comer na casa do malandro que te fez isso» Ouviu Tchisola quando após alguns minutos de choro recompôs-se e foi então partilhar a mesa com a família. Respirou fundo e começou a comer, o pai e o irmão fizeram o mesmo enquanto a mãe só se calou depois de um olhar zangado e fixo do marido. Terminaram a refeição e como de costume, a filha recolheu a loiça e com a ajuda do irmão lavou os pratos.

– Por que estás tão triste, mana? – Perguntou o irmão que tinha apenas 9 anos de idade, enquanto lavavam.



– Eu só quero desaparecer. – Respondeu a irmã no exacto momento em que o pai se dirigia à cozinha.

Senhor Tchika fingindo que não tinha ouvido, mas notava-se que estava a fingir, despediu-se dos filhos e orientou-os que se comportassem, pois ele ia sair com uns amigos. Depois de terminar todo o seu trabalho, Tchisola fechou-se no quarto, tomou um banho quente, dobrou-se nos lençóis, colocou os fones de ouvido com uma música calma e voltou ao triste episódio de lágrimas. Foi assim durante aquele fim-de-semana inteiro que mais parecia o fim do mundo para a jovem. Ela ficava ainda mais angustiada ao lembrar que logo teria de regressar à escola e enfrentar o seu maior pesadelo no momento, que em contraste se fazia acompanhar pelo ecoar das palavras cortantes da mãe na sua cabeça.

No dia seguinte, já era segunda-feira, dia de aulas. A Tchisola estava a movimentar-se tão lenta, ia de um lado para outro; colocava as suas coisas na mochila com um semblante triste, mostrando que não queria sair de casa naquele momento. Mas não era aceitável ela estar ali, uma voz tinha que ajudá-la a enfrentar a realidade.

– Filha, apressa-te! Vou levar-te à escola hoje. – Gritou o pai.

– Mas pai...!

– Mas nada, filha. Despacha-te!

– Aff...!



E sem mais o que revidar, o pai levou-a à escola. Toda cabisbaixa, com os seus fones de ouvido como sempre, vestindo seu casaco cor cinza – como se reflectisse o nublado da sua alma– contracenando com o uniforme habitual. Entrou na turma e lá ficou ansiando que o professor entrasse logo. Permaneceu com os fones de ouvido, pois tinha receio de os retirar e ouvir todas aquelas gargalhadas outra vez ou os comentários tão cruéis a seu respeito. Entrou o supervisor da escola e respeitosamente, pediu que os retirasse porque o seu uso era proibido na turma. Ela, sem saber o que dizer, quase que com lágrimas nos olhos retirou-os lentamente enquanto psicologicamente se preparava para tudo o que estava por vir.

Já retirados, o estranho foi que não se ouvia um único comentário a seu respeito, ninguém sequer se atrevia a tocar no assunto ou a mencionar o seu nome em qualquer conversa. Como ela não estava com ânimo para conversa, continuou no seu canto até que entrou na sala o professor e começou com a aula.

Minutos depois, já no momento do intervalo, quando Tchisola caminhava em direcção à saída da turma apareceu o Kizua, seu ex-namorado. Ela tomou um susto, pois logo imaginou que o episódio estava prestes a se repetir. Ele pediu-lhe que não saísse da turma, pois o professor e os colegas desejavam falar com ela. Como sempre, tímida e que pouco falava, olhou para ele com aversão e retomou o seu



assento. Não demorou muito, o professor ordenou que todos com exceção de Tchisola se colocassem em pé. A jovem tapou os ouvidos com medo do que os colegas fossem dizer e levantou-se para sair da turma quando em coro todos os seus colegas, incluindo Kizua, disseram:

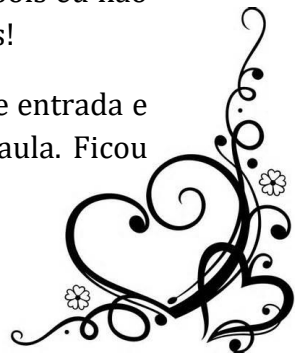
– Pedimos desculpa, Tchisola!

Então, abrandando os passos, ela ouviu atenta e com muito espanto cada palavra. Não acreditava no que ouvia, pois, os seus colegas eram tão soberbos e orgulhosos que aquilo parecia um sonho, ou mesmo um pesadelo. Eles desculparam-se, realçaram que tinham muito respeito por ela e que lamentavam muito pelo ocorrido.

– Não voltará a acontecer, não precisas sentir-te mal por teres gostado de alguém que não sabe valorizar uma mulher como deve ser. Descansa o teu coração, minha menina, que um dia aparecerá alguém que realmente o mereça. – Reforçou o professor.

– Está bem, professor Cláudio. – Respondeu a jovem mais aliviada soltando um leve, mas forçado sorriso, continuou. – Muito obrigada por essas palavras! Será difícil esquecer o que aconteceu, mas eu não guardo mágoas de ninguém. Não posso dizer que estão perdoados, pois eu não sou juíza de ninguém, perdoem vocês a si mesmos!

E terminando aquela frase, retiniu o sino de entrada e todos voltaram a sentarem-se para continuar a aula. Ficou



um momento muito tenso, todos ficaram num silêncio profundo e ninguém se atrevia a olhar para Tchisola, o que tornava tudo ainda mais estranho. Ela questionava-se se aquela estranheza por parte dos colegas devia-se apenas ao acto nobre do professor. «Será que o professor os repreendeu tão severamente que eles ficaram assim? Rhum» – Pensou.

Como ela não queria mais esquentar a cabeça não se inquietou, só queria ir logo para casa e contar o ocorrido aos pais mesmo sabendo que talvez eles nem demonstrassem interesse. Eles eram os únicos que ela tinha para conversar. Quando ela chegou em casa, contou a novidade aos pais e como tinha ficado surpresa e aliviada com a atitude dos colegas. E em coro ouviu:

– Que bom, filha!

– Bem, não foi tão mal! – Disse com olhos fixados aos pais e franzindo as sobrancelhas, subiu as escadas.

– Vamos ver se agora deixas esses mimos – Resmungou a mãe.

– Se eu não ouvisse isso acharia que um *alien* entrou aqui e trocou a minha mãe por uma outra – Respondeu ela sorrindo mesmo antes de se fechar no quarto.



CAPÍTULO 2

Passados alguns dias, num domingo, Kahosi, o irmão da Tchisola, sentiu uma particular necessidade de ir ao shopping. Pediu que o pai o levasse, mas o mesmo respondeu que estava muito cansado e sugeriu que o menino fosse pedir à mãe. Kahosi imaginando a fria resposta da mãe preferiu não arriscar, então foi pedir à irmã e como de costume entrou no quarto sem ao menos bater a porta e já aos gritos.

– Mana, mana, vamos ao shopping! Acorda logo sua preguiçosa, vamos!!

Mas a irmã nem se moveu. Então ele gritou ainda mais e mais, mas mesmo assim ela não respondeu e após concluir que a irmã o estava a ignorar desceu as escadas a chorar e expôs ao pai a situação.

– Que estranho! A tua irmã não é disso. – Surpreendeu-se o pai. – Vou lá ver o que se passa.

Quando lá chegou, reparou em algo que Kahosi nem sequer prestara atenção, um frasco de comprimidos vazio

bem do lado da mão esquerda da filha, logo entrou em desespero fazendo de tudo para a acordar, mas nada resultava, era claramente uma tentativa suicida. Ela estava ainda viva, mas com a pulsação muito fraca. O pai levou-a ao hospital às pressas.

– Ah! Minha filha, por que fizeste isso? – Questionou o pai.

Lamentava o pai seguindo-lhe a esposa e o filho aos choros. Foram todos com ela e deixaram-na aos cuidados médicos, ficando na sala de espera por cerca de 4 horas sem notícias, sem respostas e logo, dona Zola, como não podia deixar de ser, colocou-se aos gritos exigindo respostas e que a deixassem ver a filha.

– Tragam a minha filha! O que vocês fizeram com ela?
– Disse a mãe.

E chorando, sem forças sentou-se no chão com a mão à cabeça e, enquanto o esposo a levantava fitou o seu olhar desesperado.

– Calma, mulher. Não a vamos perder.

E ficaram ali estáticos apoiados um no outro orando em silêncio para que o pior não acontecesse. Naquele momento, Kahosi já não se encontrava com eles, a mãe tinha pedido à sua tia, que fora para lá deixar uma tigela de sopa para que a sobrinha comesse ao acordar, que o levasse a casa.



Depois de tanta espera, chegou o médico e informou que a filha deles já tinha acordado, mas que tiveram de a colocar a dormir, pois estava muito agitada repetindo desesperadamente que queria morrer. O casal ficou completamente chocado e transtornado. Passando algumas horas, a mãe disse que precisava ir a casa assegurar-se de que estava tudo bem com Kahosi e que o mesmo tinha tudo pronto para ir à escola no dia seguinte, pois ele não podia faltar.

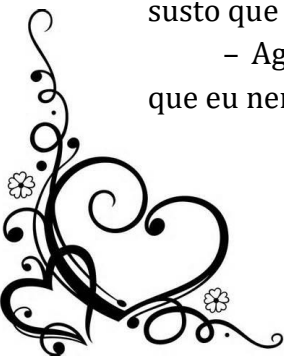
– Vai, mulher! Eu fico aqui com a nossa filha, vê se tranquilizas o nosso pequeno, ele deve estar assustado e preocupado com a irmã.

E lá foi dona Zola, ficando o senhor Tchika naquele quarto de hospital olhando a filha que dormia ainda sem acreditar que aquele cenário fosse real, afinal nunca imaginara que a filha fosse capaz de praticar tal acto.

– Parece que nem tirar a minha própria vida eu consigo né?! – Enfatizou a filha quando acordou e deparou-se com o pai olhando-a fixamente, e o mesmo nada respondeu. Continuou. – Por que o pai está a olhar assim para mim, está decepcionado né?

– Não, minha filha, estou apenas a tentar recuperar do susto que me deste.

– Agora sou filha né? Mas eu sei bem que preferiam que eu nem tivesse nascido.



– Não estás com fome? Queres comer alguma coisa? – Perguntou o pai mudando o rumo da conversa. Ele nem conseguia falar sobre o ocorrido.

– Como assim com fome, o pai não vai dizer nada? E a mãe não vai vir aqui me lembrar do quão inútil eu sou?

– Chega de responder perguntas com perguntas, tem uma tigela de sopa ali na banca perto da cama. Consegues tirar?

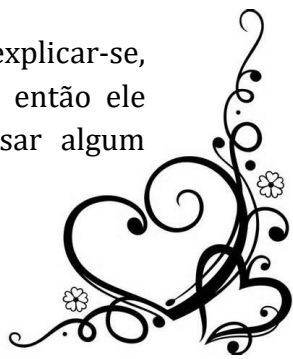
– Não! Ainda estou um pouco fraca e zozna.

– Falas demais para quem está fraca e zozna. – Murmurou o pai levantando-se para tirar a tigela.

Segurando a tigela, pegou numa colher e começou a dar-lhe de comer e enquanto fazia isso começou a contar uma história à filha:

Era uma vez, numa pequena aldeia, um senhor com dois filhos, saía todos os dias por volta das 5h da manhã e voltava quase de madrugada quando os filhos já estavam a dormir. Quase que os filhos nem o viam, até que então um dia, os dois filhos acordaram às 4h da manhã e disseram tudo o que pensavam ao pai, incluindo que ele não os amava, que nada fazia por eles e que seria melhor ele parar de trabalhar, pois isso não fazia a menor diferença na vida deles.

O pai sentiu-se muito magoado, tentou explicar-se, mas os filhos zangados nem o quiseram ouvir, então ele decidiu dar uma pausa ao trabalho para passar algum



tempo em casa com a família. Dias depois, o filho mais novo que sofria de coração e que precisava de constantes doses de remédios para se manter vivo, notou que os seus comprimidos estavam no fim. Falou à mãe, mas ela respondeu que nada podia fazer a respeito e o pai decidiu então voltar a trabalhar.

Quando os comprimidos terminaram, o menino passou mal e teve de ser levado ao hospital. Chegando lá, depois de ser atendido o médico perguntou como aquilo tinha acontecido já que eles tinham um fornecedor garantido graças ao trabalho do pai.

– Não entendo! O que os meus comprimidos têm a ver com o meu pai que nada faz por nós a não ser abandonarnos com a desculpa de que vai trabalhar? – Questionou o menino.

O médico com um ar de decepção respondeu:

– Como assim rapaz! Você não sabe qual é o trabalho do seu pai? O seu pai vem todos os dias às 5h da manhã aqui no hospital, pois às 6h ele tem de recolher o lixo do hospital, lavar as ambulâncias e deixar tudo pronto para o resto do dia recebendo como pagamento semanal os comprimidos para a sua medicação. Existe amor maior que esse? Por mais que ele seja ausente, ele está sempre presente. Depois de terminar tudo aqui, ele vai ajudar uma senhora no seu restaurante e só termina quando já é quase de madrugada



recebendo como pagamento a comida que ele coloca em casa. Nunca menospreze isso, rapaz! Seu pai pode não dizer “te amo” , dar abraços constantes ou até presentes de aniversário, mas essa é a maior prova de amor que ele poderia dar para vocês. Às vezes, os filhos só não reconhecem o esforço dos pais pela ingratidão.

- Eu não sabia... o pai... nunca nos falou sobre isso.
- Já perguntou ou apenas se preocupou em julgar?
- Eu...

- Espero que não tenha tido o desprazer de alguma vez ter proferido julgamentos pesados contra o seu pai, pois seria um grande pecado da sua parte. Nós, os filhos, muitas vezes nos esquecemos que os nossos pais apesar de mais crescidos, são seres humanos como nós e também se sentem feridos ou acarinhados pelo que dissemos e que apesar de quase nunca terem as palavras certas para demonstrar o zelo que têm por nós, demonstram-no nos seus gestos que nós na nossa ingratidão e egoísmo, não conseguimos ver.

O menino nem encontrou palavras para responder, apenas esperou chegar em casa, abraçou o pai e disse:

- Desculpa, pai! Eu sou muito grato por tudo o que tens feito por nós. Desculpa por tudo o que dissemos, não voltará a acontecer.



– Não se preocupe, meu filho, já passou. Mas, por favor, nunca desista de viver, pois eu morreria só para viveres. – Respondeu o pai correspondendo ao abraço.

Terminou a história e terminou a última colher de sopa.

– Essa história é real, pai? – Questionou Tchisola.

– Depende, minha amada filha. Ela torna-se real a partir do momento em que conseguimos perceber o que ela nos quer dizer e aplicar os seus ensinamentos na nossa vida prática.

E após esse momento chegou a mãe de Tchisola, que parada na porta do quarto colocou a mão à cabeça e deu um suspiro em tom de alívio misturado com decepção.

– Ah! Minha filha, queres-me matar do coração? Por quê? Ahm, filha? Só queres mesmo deixar a tua mãe? Não te falta nada, tu tens tudo.

– Isso é o que a mãe pensa, esse tudo que a mãe diz que eu tenho, para mim é nada. Falta, falta sim; falta amor. Ninguém me ama, os meus próprios pais nem conseguem falar comigo, a mãe só ralha, ralha tipo me odeia. Nada do que faço está bom para a mãe. Qual foi a última vez em que recebi um abraço vosso? Qual foi a última vez em que o pai conversou comigo sobre como ia a escola ou sobre qualquer outra coisa? Mãe, a mãe só me destrói psicologicamente com cada comentário, eu tentei desabafar contigo sobre o que



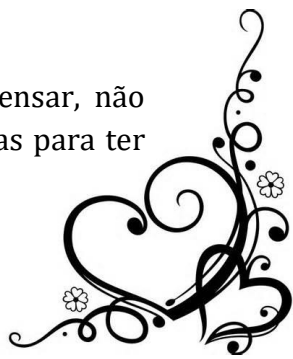
tinha acontecido, mas só piorou tudo. A mãe diz que a culpa é minha, mas já se perguntou se também não é sua? Quando é que conseguiu encostar-se a mim para falar sobre amor, sobre o que eu precisava saber antes de entrar em qualquer relacionamento? A mãe só sabe gritar e xingar como se isso resolvesse tudo.

– Mas não, mãe, isso não resolve, só piora. Eu não preciso disso, mãe. Eu preciso de conselho, de apoio, de ralhetes que justamente me coloquem na linha, preciso de orientação, inspiração, motivação.

– Mas, filha...! Tu já parecias tão bem. Foste à escola e contaste-nos o que aconteceu, já não estava tudo bem?

– Não, mãe. Não estava e só não deram conta porque não se importam. Se a mãe tivesse ao menos perguntado, saberia que eu não estava bem. Eles pediram desculpas, sim! Mas isso não muda o que aconteceu nem tão pouco apaga os danos emocionais que eles me causaram, que vocês me causaram. A mãe fica na ignorância de achar que pela minha pouca idade razões nenhuma tenho para sofrer, mas saiba que não é bem assim, sou adolescente, mas também sou humana, sou mulher e tal como a mãe também sinto, também sofro e também tenho os meus próprios problemas que apesar de não se compararem aos seus, não deixam de ser problemas.

– Sim, eu também tenho muito em que pensar, não pense que é tão simples sair de casa todos os dias para ter



de lidar com bullying na escola, professores de todo o tipo, disciplinas que fazem parecer a nossa inteligência inexistente, amizades falsas. Olhar para as outras jovens e ver que elas parecem bem mais bonitas e felizes do que eu, chegar em casa e não ter com quem conversar sobre as alterações corporais que nos incomodam, sobre os amores e desamores que nos ferem, tristeza que vem do nada... sim! E ainda ter uma mãe que só julga e critica.

– Mas filha, assim então quem aqui é adivinha? Estás a reclamar que eu não converso, mas algum dia já chegaste mesmo e disseste mãe, estou triste, estou isso, estou aquilo...? Tchisola tens de falar porque eu também não tenho como adivinhar, são tantos problemas e tantas coisas para resolver e às vezes que epá, filha, é difícil.

– Todos os problemas da mãe e do pai são sempre mais importantes do que nós.

– Chega, filha, descansa. – Interrompeu o pai.

– Sim, pai! É mesmo só assim, não conseguem ouvir a verdade. Deviam deixar-me morrer, trouxeram-me aqui por quê?

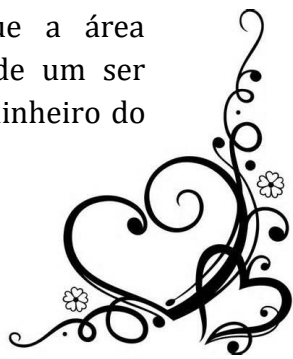
– Porque és a nossa filha, Tchisola, a nossa filha. Nós nunca vamos deixar-te morrer, és a nossa filha, entende só, Tchisola! Nós falhámos como pais, mas isso não significa que não te amamos e que queiramos que morras. O que seria de nós sem ti, minha filha? Queres deixar-nos sozinhos? Deixar o teu irmão sozinho?



– Descansa só, minha filha! Por favor, tens de repor as energias. Isso vai passar, é só uma fase. – Interveio a mãe tentando acalmar os ânimos.

Instantes depois chegou o médico que após perguntar à sua paciente como se sentia informou que logo-logo ela poderia ir para casa, mas precisaria receber apoio psicológico dali em diante e que se os pais concordassem, ela teria duas sessões por semana. Os três concordaram e comprometeram-se a cumprir com as recomendações à risca. Mas antes de se retirar, o médico chamou-os atenção para algo:

– Antes de eu começar a trabalhar nesse hospital também era ignorante concernente ao facto e achava que tentar suicídio era só mimo dos adolescentes para chamar atenção, mas agora ficou claro para mim que todos os dias um adolescente tenta tirar a própria vida por factores que muitas vezes eles mesmos desconhecem. A mente humana é muito complexa e um pequeno acontecimento pode causar uma grandiosidade de danos que vocês nem imaginam. O sentir-se “não amado” conduz à depressão que é um mal que tem tomado como refém muitos jovens e muitas vezes perdem-se vidas devido a isso. Tudo porque nós os pais na nossa ignorância achamos que demonstrar amor e conversar não é importante, esquecemos que a área emocional é a mais importante na formação de um ser humano e que nem a melhor educação ou todo dinheiro do



mundo pode comprar a felicidade que é roubada quando o nosso estado emocional desaba. Amemos os nossos filhos! Não deixemos que eles morram por dentro para que eles não morram por fora. Não precisamos esperar que os nossos filhos morram para expressarmos o nosso amor por eles, eles precisam de nós agora, eles estão a pedir socorro, vamos ouvi-los, conversar com eles. Vamos acordar!

A falta de um diálogo aberto e empático tem causado danos traumáticos e muitas vezes, irreversíveis, infelizmente. A dona Zola poderia ter ouvido a sua filha quando precisou, poderia tê-la abraçado em vez de a julgar precisamos aprender a ser mais amigos e menos juizes. A sua filha sentiu-se nada quando precisou de apoio e não obteve e piorou quando a dona Zola disse a ela o que disse. Aquilo foi um golpe duro tendo em conta o estado em que ela já se encontrava. Palavras erradas, na hora errada podem ferir mais do que qualquer espada.

“Precisamos saber como nos dirigir aos nossos filhos também. Ensinar, instruir e conversar é bem melhor que gritar, xingar e desmotivar.”

E olhando para a jovem, continuou com a sua filosofia:

– Filha, és muito amada, nunca te esqueças disso, mesmo que os teus pais não demonstrem tanto e é compreensível, pois nós os pais somos de uma outra época, de uma época em que amar um filho significa dar-lhe uma



boa educação, um teto e boa comida e sentimo-nos bem assim. A nossa sociedade não é muito expressiva afectivamente e devemos entender isso aceitando as diferentes formas que cada um tem de amar. O melhor a fazer é amar os nossos pais como gostaríamos de ser amados por eles. Eles são assim, mas vamos fazer então mais como se são os pais que Deus nos deu? Vamos só já aceitar e adaptar-nos.

– Está a falar muito bem, doutor, por favor, continue! – Encasquetou a mãe como se o doutor estivesse exprimindo as palavras que ela sempre quis dizer.

– Quem dera que fosse assim tão simples, doutor. Às vezes parece que em vez de humanos, os pais são uns robôs e não nos compreendem – Refutou Tchisola numa visível tentativa de frear o entusiasmo da mãe. E a mãe permaneceu com os olhos fixos ao doutor esperando por mais argumentos.

– Entendo, querida – Respondeu-lhe o doutor com um leve sorriso após ouvir a comparação dos pais a robôs feita por ela – Mas olha que os pais não são os únicos que nesse roteiro têm o papel da compreensão! – Prosseguiu.

– O que quer dizer com isso, doutor?

– Quero dizer que nós os filhos também precisamos compreender os nossos pais. Achamos sempre que as coisas são responsabilidade e culpa deles, mas e se a



responsabilidade de mudar a situação estiver em nós? Sim, talvez os nossos pais passem a abraçar-nos quando nós dermos o primeiro abraço, passem a conversar quando nós puxarmos a primeira conversa e assim sucessivamente. Em vez de reclamarmos tanto dos nossos pais, podemos simplesmente escolher ser uma versão melhor deles.

O doutor notou uma ansiedade de quem quer se ausentar daquele lugar na Tchisola e, como tinha outros pacientes para cuidar, finalizou:

– Não desistas de viver por não te sentires amada, sempre serás muito amada por mais que não percebas, **o suicídio nunca será solução**. E olha, uma coisa que eu aprendi desde que me tornei médico é que falar resolve muita coisa. Imagina que te magoaste nalgum lugar e disso adveio uma ferida e em vez de partilhar com alguém sobre o ocorrido tu decides cobrir a ferida e fingir que não te dói. Se essa ferida for inofensivamente ligeira, ela cura por si só sem ninguém precisar saber e deixa cicatrizes das quais só tu conheces a causa, mas se essa ferida for muito profunda, ela poderá causar danos irreversíveis corroendo-te dia após dia, infeccionando e acarretando malefícios para o teu organismo dia após dia e se passar tempo demais poderá ser necessário a amputação da parte afectada ou de uma vida inteira... és inteligente e sei que percebeste o que quis dizer. Pensa nisso!



“Não desistas de viver, todas as vidas são importantes e muitos sofreriam se partisses. Quando ficar difícil, *FALA, GRITA*, mas não te tortures com o que te faz mal. Sempre haverá alguém para te ouvir. Procura sempre um amigo, um colega ou até mesmo um estranho, mas *DESABafa*. Quando te sentires sozinha, ora que Deus sempre estará connosco, quando te sentires triste lembra-te das vezes em que ficaste feliz e procura fazer algo que te faça feliz...”

CAPÍTULO 3

Passado alguns dias em casa, chegou o dia da primeira sessão psicoterapêutica e lá foi Tchisola com o pai que a levou até ao hospital e deixou-a, pois, precisava ir trabalhar. Ele até quis ficar e acompanhar a consulta, mas a filha insistiu que ficaria bem e que ligaria tão logo terminasse. Então, ela entrou no consultório e tudo estava na normalidade. Foi mais uma apresentação do que propriamente uma consulta ou terapia. Ela explicou tudo o que havia acontecido e o quão mal e solitária sentiu-se com a situação.

– Na verdade, doutor, isso não é apenas pelo que aconteceu, eu já venho a sentir-me assim faz muito tempo e eu nem sei exactamente o porquê, mas sei que dói e é muito difícil de lidar. Já venho a pensar em suicídio faz muito tempo e o que aconteceu serviu apenas pra puxar o gatilho da arma que já estava em minhas mãos.

– Isso se chama depressão, filha. Ela é assim, como sanguessuga, só que em vez de sangue, ela vai sugando-nos a vivacidade, roubando a intensidade da Serotonina e dopamina no nosso organismo e conseqüentemente da

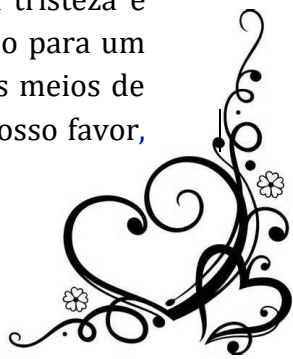
Melatonina e Endorfina. E esse último gatilho a que fazes referência está relacionado à Oxitocina, o hormónio do amor, mas não vamos já entrar em muita técnica, continua, minha menina.

– Sim, como eu dizia, ultimamente parecia tudo escuro, Dr. Aliás, ainda parece, parece que o mundo vai desabar sobre mim e não tem ninguém disposto a ajudar-me, o meu coração tem um vazio tão grande que parece que nada nem ninguém pode preencher. Eu não mereço viver, a minha vida é um desperdício, doutor.

– Primeiro:

A vida de um ser humano jamais será um desperdício. Deus fez-nos a sua imagem e semelhança para transformar o mundo. Dizendo que a tua vida é um desperdício, estarás a dizer que o trabalho Dele é um desperdício também, que Ele é um desperdício e isso jamais será verdade. Se Deus é Divino, nós como sua criação nos tornamos valiosos por esse facto, o problema é que às vezes nós deixamos que as dificuldades da vida apaguem aos nossos olhos essa visão preciosa de Deus sobre nós.

Aos olhos de Deus, nós sempre seremos preciosos e se o autor da vida assim nos considera, por que não adoptarmos essa visão também? E segundo, eu não estou na tua pele, mas compreendo bem o que sentes. A tristeza é como uma corda que aos poucos vai nos puxando para um buraco fundo e escuro e se nós não procurarmos meios de largar essa corda ou inverter a sua posição em nosso favor,



daremos por nós subterrados no maior dos abismos. Sentiste-te sozinha e eu percebo, mas sabia que no fundo nós nunca estaremos completamente sozinhos?

– Como assim? – Questionou Tchisola um tanto quanto confusa.

– Quando ficaste lá naquele quarto a derramar-te em lágrimas quem esteve lá contigo?

– Ninguém!

– Certeza? Pensa mais um pouco

– Não sei... eu?

– A resposta seria essa se tu ainda estivesses contigo. Mas nem mesmo estava contigo a pessoa que tem a missão irrefutável de nunca te abandonar, a pessoa que tem de te suportar nos piores dias e nas maiores angústias por mais difícil que possa ser, por mais que possa doer: Tu. Sim! Existem dias tão nublados, mais tão nublados que ninguém ousará permanecer neles connosco, só que em meio a tudo isso quando chorarmos seremos nós mesmos a enxugar as nossas lágrimas e a procurar motivos para sorrir. Quando o nosso mundo desabar seremos nós mesmos a reconstruí-lo peça por peça, pedaço por pedaço. Quando estivermos em baixo seremos nós mesmos a enfrentar os nossos medos para alcançar o topo dos nossos sonhos subindo degrau por degrau. Quando todos nos deixarem sós em meio à tempestade, seremos nós a nossa única companhia e quem sorrirá ao ver o arco-íris após aquele tempestuoso temporal



de vivências. Seremos nós e só nós por nós muitas vezes, por isso não devemos deixar-nos ir.

– Compreendo, doutor.

– Que ótimo! O que aconteceu é que até tu esqueceste-te de ti, de quem tu eras; negaste-te, te autorrejeitaste e para isso o resultado foi afundar-se nesse abismo. Precisas lembrar-te sempre que a pessoa que mais precisa de ti és tu mesma. Quando perceberes isso estarás mais capaz de lidar com muitas das tuas dificuldades. Deu para perceber o que quis dizer?

– Acho que sim, doutor.

– Pareces uma jovem muito inteligente, tenho a certeza de que me percebeste e que vais interiorizar isso.

– Está certo. Podemos terminar aqui? Não me sinto confortável para avançar.

– Calma que já terminamos, vou só recomendar mais alguns exames que precisamos fazer para ter a certeza de que está tudo bem nesse organismo, pois muitas doenças ou distúrbios ocultos no nosso organismo podem ser causas de depressão.

– Mesmo, doutor? Não sabia.

– Pois é, minha menina. Muitas doenças já acarretam nos seus sintomas, a tristeza e os pensamentos negativos! E já agora, precisamos reanalisar a tua rotina, não podes estar tão estagnada ou exposta a actividades desmotivadoras, tens de começar a praticar algum exercício, faz bem ao corpo e a mente. Tens de visitar mais lugares, exercitar mais a mente com alguns livros, conversas, palestras, conversar



mais. Tudo isso será muito útil para a nossa melhoria. Afinal, já que se diz por aí que mente vazia é oficina do diabo, eu digo que corpo parado é ninho da depressão.

- Hmm... está certo doutor, colocarei essa teoria em prática também.

- Ótimo, agora preciso que apagues todo e qualquer vestígio de negatividade que tens no telemóvel, pois sei bem que vocês os jovens torturam-se muitas vezes com imagens, vídeos, músicas e tudo mais que piore ainda mais o vosso estado melancólico. Pode parecer confortante, mas acredito não é o que tu precisas.

- Tenho mesmo de apagar tudo, doutor? Não é tão fácil assim, essas coisas foram o meu único conforto nos meus piores dias, me entendiam como ninguém algum dia fez.

- Pois, falou muito bem até, “foram”... “nos teus piores dias”. Agora tu estás a caminhar para os teus melhores e não precisas de nada mais que te puxe de volta aos piores.

- Está bem, doutor. Se calhar é isso mesmo.

- Não é se calhar, é isso mesmo, minha menina. Não te preocupes, vamos superar.

- Pois vamos. Tem mais alguma recomendação, doutor.?

- Sim, deves dormir e alimentar-te bem e vou até recomendar alguns medicamentos para isso. E por hoje é tudo, minha menina. Alguma pergunta?

- Não! Compreendi tudo. Até à próxima sessão.



– Lembra-te de viver, minha menina! Lembra-te sempre de viver.

Quando a jovem preparava-se para ligar ao pai para que a fosse buscar, viu por detrás do vidro de um dos quartos, Kizua, seu ex-namorado. Tchisola ficou preocupada e foi ter com ele para saber o que tinha acontecido, ele explicou que tinha sido espancado pelo pai e que por consequência quebrou uma das costelas.

– Vieste sozinho até aqui? – Questionou a Tchisola.

– Não! Pedi ajuda a um dos vizinhos e o mesmo me trouxe até aqui. Angora estou aqui sozinho, sabes como é essa vida de não ter quase ninguém por perto.

– E a tua namorada?

– Não estamos mais juntos. – Respondeu ele meio constrangido.

– Ahm...! Eu até te faria companhia, mas o meu pai já deve estar a vir buscar-me.

– Está bem, eu fico bem aqui, olhando as paredes.

Tchisola, com o coração mole que tinha disse que poderia fazer-lhe companhia enquanto esperava pelo pai.

– És muito sortuda por teres os pais que tens, sabias?

– Não sei se sou tão sortuda assim, na maior parte do tempo sinto que eles nem se importam se eu respiro ou deixo de respirar, mas acho que eles estão a tentar mudar ou pelo menos estão a fingir bem.



– Eu discordo! Eu tenho a certeza de que eles amam-te muito, mas se tu dizes... está bem.

– Posso fazer uma pergunta?

– Claro, madame! – Respondeu ele delicadamente.

– Porquê que tu e o resto da classe decidiram desculpar-se assim do nada?

– Como assim do nada? O que os teus pais fizeram é nada? Estás a brincar!

– Os meus pais fizeram o quê?!

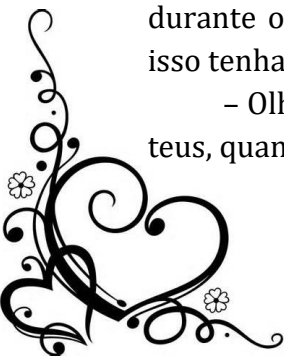
– Como assim fizeram o quê? Tu não sabes ou só queres que eu diga?

– Saber o quê? Fala então, Kizua! – Exigiu ela já impaciente.

– Um dia depois do que aconteceu, o teu pai foi à casa do director e fez um grande escândalo exigindo uma reunião urgente com todos os encarregados de educação. O director até disse que seria difícil fazer isso em pleno fim-de-semana, mas o teu pai insistiu e disse que se a mesma não acontecesse processaria a Escola por má conduta e bullying com os estudantes. E naquela mesma tarde, a tua mãe ligou para o meu pai e o xingou tanto, mas tanto que ele só não me matou por sorte, mas deu uma bronca daquelas e exigiu que eu me desculpasse contigo e com os teus pais.

– Hum! Não acredito. Eu fiquei fechada no quarto durante o fim-de-semana todo, mas não acredito que tudo isso tenha acontecido e não saiba de nada.

– Olha então! Assim vou te mentir? Os pais são mesmo teus, quando saíres daqui lhes pergunta.



– E como foi que conseguiram falar com o resto da turma? – Questionou ela ainda chocada.

– O director ficou com medo do que o teu pai pudesse vir a fazer. Mas eu também ficaria. Afinal, sabemos todos que ele é um dos advogados mais influentes da cidade. E fez de tudo até que conseguiu marcar uma reunião com alguns pais em pleno domingo. E na reunião, onde os poucos mobilizados pelo director apareceram, o teu pai depois de um forte desabafo recomendou aos pais que educassem melhor os seus filhos e alertou-os de que caso algum deles voltasse a implicar-se com a sua primogénita, eles veriam como é que um dragão defende o seu covil, pois ninguém tinha o direito de mexer com a sua filha. E os encarregados, totalmente pasmos e admirados pela forma como o teu pai te defendia concordaram em conversar com os filhos.

E emocionada, Tchisola nem conseguia acreditar no que ouvia, e Kizua continuou:

– Os teus pais amam-te muito por mais que nem sempre demonstrem.

E quando ela se preparava para responder, o pai adentrou pela porta preocupadíssimo:

– Filha, por que não me ligaste? Eu pensei que tivesse acontecido alguma coisa.



A filha o abraçou fortemente e começou a chorar, naquele instante o pai percebeu sobre o que ela e o Kizua conversavam.

– Vamos filha. – Disse o pai.

– Desculpa, kota Tchika! – Interrompeu Kizua. Continuou. – Eu gostaria de novamente pedir desculpas ao Kota por tudo e pedir que a sua filha ao menos voltasse a ser minha amiga. Ela sempre foi a minha única amiga.

– Vamos, filha, vamos! – Ordenou o pai puxando-a pelo braço e foram embora.

Cada ser humano, tem a sua forma de demonstrar amor, nem sempre precisamos usar palavras para dizer o quanto amamos alguém. Os pais de Tchisola amavam-na de todo o coração, mas tinham uma forma não tão amorosa de demonstrar esse amor, eles eram adultos com um coração doce, mas preferiam passar uma imagem de durões, pois não sabiam fazer diferente. Algumas pessoas são assim.



CAPÍTULO 4

Passados alguns dias, num dos dias em que Tchisola tinha mais uma terapia, voltou a deparar-se com Kizua enquanto passava pelo corredor do hospital, mas desta vez ele estava diferente, parecia melhor fisicamente e quase que já nem se notavam os hematomas consequentes das surras que recebia do pai. Parecia mais feliz, tinha um brilho diferente e um crachá no bolso esquerdo da camisa que particularmente chamou a atenção de Tchisola.

– Por aqui outra vez? – Perguntou Kizua. Continuou. – Não estás grávida, estás?

– Claro que não! – Respondeu a jovem um tanto quanto aborrecida com a pergunta. – Não comentei da última vez que nos vimos, mas estou a receber apoio psicológico e as minhas sessões são aqui todas as quartas e sextas-feiras.

– E porquê que precisas de um psicólogo? Por acaso estás com dificuldades para me esquecer? – Insinuou o jovem num tom de brincadeira na tentativa de deixar o clima mais leve, mas acabou por o deixar ainda mais pesado, pois Tchisola não achou graça nenhuma.



– Mas agora sério, diz-se na escola que quase perdeste a vida. Está tudo bem contigo? O que se passa de concreto?! Tu nunca foste disso.

– Nada de mais, estou bem! Licença, preciso ir agora, chau. Fica bem.

Kizua percebeu que a ex-namorada tinha se sentido ofendida com o que ele havia dito, mas antes mesmo que ele pudesse dizer alguma outra coisa ou se desculpar, ela retirou-se. Kizua sentiu-se muito mal, pois não tinha intenções de a magoar, mas tipicamente conseguia muitas vezes ser um mau-brincalhão.

Durante a sessão, a jovem mostrou-se inquieta. Sentada com as mãos cruzadas, os pés não ficavam fixos no chão; o seu rosto ilustrava aborrecimento e tristeza, parecia irritada com alguma coisa.

– Passa-se alguma coisa? Quer partilhar algo? – Perguntou o Dr. Ondjaki, seu psicólogo.

– Bem... então podemos avançar...

– Há muita gente perdida nesse mundo, pessoas que não sabem o que querem e pensam que o mundo gira em torno delas. – Interrompeu a jovem.

E olhando aquela cena, o Dr. cruzou os braços e ficou simplesmente a observá-la tentando disfarçar a vontade de sorrir. E ela ainda mais irritada:



– O doutor acha isso engraçado, também me vê como palhaça? Também acha que eu ainda não superei?

E tentando fingir que estava mais calma virou-se para o Dr. que a olhava fixamente e continuou:

– Acho que não estamos em condições de prosseguir. Eu preciso ficar sozinha, eu vou-me embora.

– Todos nós merecemos uma segunda chance. – Filósofou o Dr. com um leve sorriso.

Após ouvir tal frase a paciente saiu do consultório e foi-se embora o mais rápido que pôde para que não tivesse de cruzar novamente com o seu ex.

Na sexta-feira, Tchisola regressou ao consultório como de costume, mas desta vez, ela não encontrou Kizua pelo caminho e enquanto olhava para os lados a ver se ele estava por perto, esbarrou-se com o Dr.

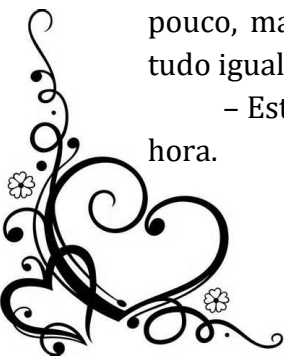
– Procurando por alguém?

– Não, Dr.! Por quem é que eu poderia procurar? Não conheço mesmo ninguém aqui além do doutor.

– Então deves estar perdida porque o meu consultório é lá atrás. – Respondeu o Dr. ironicamente.

– Ah, meu Deus, tem razão! acho que me distraí um pouco, mas também esse hospital parece um labirinto e é tudo igual, Éh, doutor!

– Estou a ver, mas vamos logo que já estamos acima da hora.



E lá foram eles, começaram mais uma sessão tranquilamente até que num tom um tanto quanto desajeitado alguém entrou pela porta.

– Desculpe, doutor, acho que deixei aqui o meu chapéu

– Era Kizua e continuou – Ah! Oi, coração de gelo! Estás boa?

– Coração de gelo? Eu? Não me tira do sério ya, não me irrites a essa hora, sai só daqui sai. – Disse a jovem.

– Já não mudas mesmo né? Continuas a mesma rabugenta de sempre. – Realçou ele enquanto sorria e abanava a cabeça.

– Sai daqui, sai só daqui, estás a me irritar! Dr., se ele não sair daqui quem sairá sou eu.

– Não! Deixa estar que eu já vou, obrigado Dr.! chausinho, coração de gelo – Finalizou o Kizua e saiu do consultório.

– Podemos prosseguir ou desta vez também vais querer ir embora? – Questionou o doutor.

Ela olhou para o doutor com espanto e um pouco de vergonha também, pois parecia que afinal o Dr. sabia bem qual era a razão da sua inquietação na consulta anterior.

– Podemos prosseguir. – Respondeu.

– Peço desculpas por ter deixado a porta destrancada, esqueci-me. Se eu não tivesse esquecido, o Kizua não teria entrado desse jeito e te importunado.

– Não, doutor! Não se preocupe com isso.

– Mas parecias tão incomodada com a presença dele!



– Não, doutor. É impressão sua!

– Está bem, deve ter sido isso mesmo. Bem, já não temos muito o que conversar, és muito forte e corajosa e tens superado as crises muito bem. Por hoje só tenho mais um conselho a te dar. Tente sempre se colocar no lugar do outro, entender sem julgar e compreender sem censurar. Muitas vezes quem mais fere é quem mais precisa ser curado e todo o coração gelado já foi quente um dia.

Ela ouviu atentamente e o doutor finalizou:

– Bem, até a próxima semana querida, pense no que eu te disse e mande saudações minhas aos teus pais.

– Desculpe, doutor. O quê que ele faz aqui todos os dias?

– Quem, o Kizua? hmm... Ele tem feito trabalho voluntário aqui no hospital, é um jovem com um grande coração.

E a jovem ficou parada na porta pensando em alguma coisa que só ela sabia, provavelmente analisando a informação. mas logo foi embora. Após alguns poucos meses, numa quarta-feira, era o dia da última sessão quando a jovem chegou no hospital e viu Kizua num canto sozinho, parecia triste, abatido.

– Oi! Estás bem? Pareces triste. – Interpelou a jovem com esmero.

– Oi! Sim, estou triste. – Respondeu o Kizua.



– O que aconteceu?

– É que uma das meninas com câncer de quem eu cuidava faleceu hoje. Ela só tinha 3 anos, apenas 3.

– Sinto muito! mas precisas ser forte, tem outas mil crianças doentes e elas precisam de ti.

– Falar é fácil, mas dói tanto, Tchisola, dói tanto. Eu realmente achei que ela iria conseguir vencer essa porcaria de doença, a vida é tão injusta! Ela ainda tinha muito para viver. Ainda nem acredito nisso. – Lamentou o jovem, recebendo de Tchisola um abraço.

Foi um abraço longo, um abraço libertador, reconfortante. Kizua acalmou-se, mas permaneceu em silêncio apenas perdido em seus pensamentos, naufragando na sua dor.

– Qual era o nome da pequena guerreira?

– Yellen! Ela era muito pequena, mas transmitia uma alegria tão grande. só de a ver sorrir eu já ganhava o dia, estava só a aprender a falar, era muito lindo e engraçado ouvir ela dizer “oiâ”.

– Imagino...! Tenho a certeza que a pequena Yellen deve estar bem agora e a brilhar lá no céu como as estrelas fazem, livre de todo o sofrimento que ela tinha aqui na terra e com certeza muito feliz por ter passado os seus últimos dias ao lado de alguém que cuidou tão bem dela.

– Olha, Tchisola, muito obrigado pelo apoio. Não fazes ideia do quão reconfortante foi para mim esse momento.



– Não agradeças, vá cuidar de todos esses pequenos guerreiros que lutam pela vida que para mim já é o suficiente.

Kizua abraçou-a e respirou fundo:

– Não fazes ideia do quanto me fazes bem.

– Por favor! Sem tanta afinidade.

– Desculpa!

– Olha, tenho de ir agora, o doutor já deve estar à minha espera. ficas bem?

– Vá, não deixe o doutor esperando, eu fico bem e obrigado mais uma vez. – Concluiu o Kizua e lá foi a jovem.

– Oi, doutor! Como está?

– Muito bem, graças a Deus. E o coraçãozinho de gelo?

– Ah! Até o doutor? Ele também já entrou na mente do doutor com isso?!

– Não te irrites, querida. É um nome engraçado para alguém que tem um coração tão cheio de amor. Estive a falar com o Kizua sobre ti sim, ele fala de ti com tanto carinho, chego até a notar que ele fica emocionado às vezes.

– Que bom para ele, doutor!

– Não vais querer saber o que ele fala sobre ti?

– Não, obrigada! Só vim mesmo me despedir do Senhor doutor e terminar de fazer o pagamento. Obrigada por tudo, doutor Ondjaki! Fique bem, eu vou-me cuidar também, não se preocupe.



E quando ela ia passar pela porta ouviu o doutor dizer com um sorriso:

– Agora percebo o porquê do nome coração de gelo. Tens um coração puro e cheio de amor, mas usas como escudo a frieza e a indiferença.

– Eu não sou assim como vocês dizem! – Retrucou a jovem.

– A propósito, pensou no que eu te falei da outra vez?

– Sobre ferir e precisar de cura, ah! Sim, pensei e não vejo onde essa frase se encaixa na minha vida.

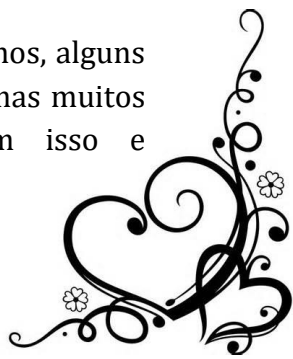
– Pensaste com o que a tua razão diz e não com o coração. Assim eu começo a achar que fizemos um péssimo trabalho aqui.

– Por quê, doutor?

– Melhoraste muito quanto a questão da depressão e amor pela vida, mas continuas fechada. Não sei onde colocaste a chave do teu coração, mas precisas achar e destrancá-lo, caso contrário nunca compreenderás realmente o significado de viver. Viverás presa numa masmorra de frieza e solidão onde o governante será o medo.

E ouvindo atentamente, a paciente não disse uma única palavra e o doutor prosseguiu:

– Todos nós fomos feitos humanamente falhos, alguns de nós falham e nada aprendem com as falhas, mas muitos de nós quando falhamos aprendemos com isso e



trabalhamos todos os dias para construir uma melhor versão de nós mesmos. Alguns de nós quando sofrem, isolam-se na sua dor e esfriam o coração deixando que o medo de quebrar a cara novamente os impeça de viver novas experiências. Não faça isso contigo mesma, não uses o medo para adiar a felicidade, agarre as oportunidades quando elas aparecem, pois só se vive uma vez e muitas vezes a possibilidade mais improvável, a mais arriscada, é a melhor para nós; é a que nos levará a encontrar a dita felicidade.

– Obrigada, doutor. Pensarei a respeito e dessa vez com o coração. Eu prometo!

Depois de se ausentar da sala de sessão, enquanto ela caminhava feliz pelo fim da experiência, na saída do hospital encontrou-se novamente com Kizua mexer no telemóvel. Ele já não se encontrava uniformizado e, pela sua direcção, estava a deixar o Hospital.

- Não devias estar a trabalhar?
- Já terminou o meu turno. E tu, como foi a sessão de hoje?
- Não foi bem uma sessão, eu simplesmente vim despedir-me do doutor.
- Isso significa que não virás mais aqui?
- Ao menos não mais para terapias.
- Mas podes vir-me visitar de vez em quando, não?



Ela não respondeu, apenas fixou os seus olhos nos dele enquanto marcavam os últimos passos para alcançar o assento que ficava perto a entrada.

– Quando voltarás à escola? – Prosseguiu o jovem.

– Por recomendação dos meus pais, só no próximo ano.

– Está bem! Daqui a pouco o ano termina mesmo.

– Esse é o teu último ano, já pensaste onde queres estudar?

– Não tenho pensado muito a respeito, mas o director do hospital disse que graças ao meu desempenho e pela afinidade que tenho com as pessoas do hospital poderei conseguir uma bolsa numa das Faculdades de medicina que colabora com o hospital e do jeito que as coisas estão duras, é tudo o que mais preciso.

– Fico feliz por saber que finalmente estás a dedicar-te em algo que vale a pena.

– Antes eu também me dedicava em algo que valia a pena, aliás a alguém, tu.

– Então se dedicou mal porque perdeu.

E ficou um clima pesado. Os seus olhos já não se cruzavam mais naquele instante e ambos calaram, cada um enxergava coisas diferentes, um distante do outro. É só os corpos que estavam ali, sentados naquele assento, enquanto os seus pensamentos só eles sabem onde estavam. Depois



de um bom tempo com o clima pesado, um deles decidiu abrir outro diálogo:

- Posso ligar-te e visitar-te algumas vezes? -
- Questionou o Kizua, quebrando o gelo.
- Não sei se seria conveniente.
- Por favor! Somos amigos agora, certo?
- Hmm... vamos ver.
- Não te preocupes que eu ligarei de qualquer jeito.



CAPÍTULO 5

Kizua acompanhou-a até casa e depois foi embora, mas dali adiante, eles passaram a falar ao telefone por horas e cada vez com mais frequência. Viam-se e passavam cada vez mais tempo juntos. Certo dia, eles decidiram sair para comer e foram então a uma lanchonete perto do hospital onde Kizua trabalhava. Enquanto comiam, Kizua colocou a sua mão esquerda sobre a mão direita de Tchisola e disse a ela que precisava muito conversar com ela sobre um assunto que há muito o inquietava. E no exacto momento em que ele ia começar a falar, o telefone dele tocou, era do hospital, precisavam dele com urgência.

– Tenho de ir, é uma emergência. – Disse Kizua. pagou a conta e despediram-se às pressas e concluiu. – Depois eu ligo!

Tchisola terminou de comer e depois foi para casa. Ela ficou a noite inteira à espera da ligação do Kizua, mas sem resultados. E passou um, dois, três dias e ele ainda não havia dado nenhum sinal. Ela ligava, mas sem sucesso, pois ele não atendia e num momento de raiva, concluiu que o jovem



a estava ignorando querendo magoá-la novamente, mas por outro lado, ecoavam na sua mente todas as palavras que o doutor havia dito a ela no último dia da consulta e a preocupação invadiu o seu coração. Não conseguia dormir, não conseguia comer nem conversar, os pensamentos só a conduziam a Kizua e a razão pela qual ele estaria sumido. Então, colocou as suas botas de frio, um casaco, um chapéu e descendo as escadas gritou:

- Mãe, vou sair agora! Vou ao hospital.
- Porquê? Estás a sentir-te mal, queres que eu te leve?
- Não, mãe! Eu só preciso verificar algo.
- Ah! Sei bem o que queres verificar. Não cometas o mesmo erro duas vezes menina, não faças isso.
- Não é o que está a pensar, mãe. Pai, empresta-me o carro?
- Empresto sim, filha. A chave está em cima do balcão, conduz com cuidado e volta antes das 22h.
- Está bem, pai! Obrigada. Até logo, mãe.

E saiu às pressas. Tchisola saiu de casa por volta das 18h e foi ao hospital saber de Kizua. Chegou lá e o procurou em todas as secções e enquanto procurava, encontrou-se com Dr. Ondjaki.

- Oi, Doutor! Como está?
- Muito bem, querida. E tu?
- Estou bem. Preciso saber do Kizua, não o viu por aí?
- Não sabes? Vamos que eu te levo até a ele.



Caminhavam naquele corredor longo onde algumas pessoas que ali passavam, choravam citando os nomes dos seus ente-queridos. Com passos longos, depois de alguns segundos, eles pararam em frente a vidraça de um dos quartos, e pela transparente parede ela viu Kizua deitado naquela cama do hospital, imóvel, ligado às máquinas.

– O que aconteceu, doutor? Por que ele está assim? – Perguntou a jovem tentando não chorar.

– Não te preocupes, ele está bem. É que ele fez uma doação de sangue significativa ontem e pelo que pudemos ver, o nosso futuro médico tem um organismo muito fraco, mas ele só precisa descansar, repor as energias e ficará bem

– Deves gostar mesmo dele para teres vindo aqui a essa hora.

– Parece que sim né, doutor...!

– Muito bom! Gosto de saber que ele tem alguém que o ama de verdade e se preocupa com ele. Preciso ir agora, mas entre e sente-se, tem uma cadeira bem ao lado da cama dele e tenho a certeza de que sua presença o ajudará bastante.

E ela entrou, sentou-se e segurando a mão dele, ficou só a observar o jovem que continuava sob efeito de sedativos. Eram 21h quando ela adormeceu bem do lado da cama dele e quando despertou já eram 23h e do outro lado da vidraça estava o pai observando o cenário. Soltou a mão do jovem, deu um beijo na testa e foi ter com o pai.



- Desculpe, pai! Eu sei que já deveria estar em casa, deves estar zangado. Desculpa, Pai! Não foi intencional... é que eu adormeci, desculpa.

- Calma, minha filha, o doutor já me explicou tudo. Espero que ele fique bem logo. - Disse o pai e em seguida abraçou a filha que não conseguindo se controlar chorou nos seus braços.

- O doutor disse-me que ele só precisa repor as energias, pai, mas ele não me parece nada bem. Sinto que me estão a esconder alguma coisa.

- Não te preocupes, filha. Ele ficará bem e precisará de ti do lado dele. Vamos para casa, descansas e amanhã voltas para cuidar dele, pode ser?

- Está bem, pai. Amanhã eu volto. A mãe deve estar bem chateada.

- Eu já liguei para ela e está calma.

E apoiados um no outro, dirigiram-se ao automóvel que voltara aos comandos do pai foram para casa.



CAPÍTULO 6

Na manhã seguinte, a jovem acordou, fez os seus deveres, tomou o pequeno-almoço e numa marmita preparou comida para levar ao hospital e foi. Quando lá chegou, os seus olhos encheram-se de alegria ao ver que Kizua tinha acordado.

– Bom dia, bela adormecida! – Saudou ela de modo abusado com um leve sorriso. – Como estás?

– Oi, coração de gelo! – Disse ele ainda debilitado e respondeu. – Melhor que tu pelos vistos.

E balançando em troca de olhares sorriram os dois. Os olhares fixados um ao outro brilhavam de felicidades. O ambiente em si, espalhava alegria.

– Estás a sentir-te melhor? Precisas de alguma coisa?

– Tenho tudo o que preciso bem aqui. – Respondeu o jovem olhando para ela.

E ela tentando disfarçar que estava sem jeito, tirou a tigela de sopa que tinha trazido.

– Vamos lá, tens de comer alguma coisa.

– Não estou com muita fome e mesmo que estivesse ainda estou sem forças para me alimentar sozinho.

– Ah! Nem vem com essa, vais comer a bem ou a mal. – Disse a Tchisola.

Ele segurou a colher, colocou um guardanapo sobre o peito do jovem e começou a dar-te de comer colher por colher, parando apenas para limpar a sua boca de vez em quando. E quase terminando a sopa, ele segurou no braço dela e disse que era suficiente, não tinha estômago para mais.

– Está bem, até comeste bem! Agora larga o meu braço para que eu possa guardar a tigela. – Disse a Tchisola.

Ele continuou segurando e olhando fixamente para ela. Aquele momento trouxe uma paz interior para o Kizua, pois estava seguro com a presença da Tchisola em sua vida. Brotou um pequeno sorriso e disse:

– Eu ainda gosto muito de ti.

Ela não respondeu e os dois ficaram naquela troca de olhares por algum tempo.

– Deixa eu guardar a tigela e dar-te água. – Disse a Tchisola e finalmente o Kizua largou-a.

– Eu não estou com sede. Olha, não precisas responder se não quiseres, mas por favor, não me deixes.



– Eu não vou a lado nenhum.

E aproximou-se dele, deitando-se sobre o seu peito e os dois ficaram ali calados, sem dizer uma só palavra; ele segurando a mão dela e ela com a cabeça sob o peito dele. Mil pensamentos borbulhavam em suas mentes enquanto os médicos, do outro lado da vidraça deliciavam-se com aquele doce episódio que era lindo de se ver. Via-se que ainda havia muito amor ali, mas muito medo de tentar também.

– Tu ainda não me contaste para quem fez a doação. – Disse a Tchisola.

– Para uma das minhas pacientes, precisava de sangue e só o meu é compatível.

– Mas se a doação foi ontem, por que sumiste nos outros dias?

– No dia em que recebi a ligação, cheguei aqui e ela estava a ser operada e em estado crítico, por tanto. foram dias tensos, nem sequer peguei no telefone, desculpa.

– Não precisas desculpar-te, eu entendo.

– Preocupas-te comigo, sentiste saudades, né?

– Ah! Não começa.

– É uma pergunta simples.

– Sim, senti muitas saudades, fiquei preocupada contigo.

– Viste, eu sabia que nesse coração frio ainda havia alguma chama.



– Só trata de ficar bem, por favor! Não consigo mais te ver assim.

– O teu pedido é uma ordem, princesa. Hoje mesmo saio daqui se der tudo certo.

E passadas algumas horas, o médico apareceu e disse que ele poderia ir para casa na manhã seguinte.

– Vive sozinho, quem cuidará de si em casa? Não é melhor ficar aqui por mais algum tempo? – Interrogou o médico.

– Pode deixar que ele tem uma enfermeira particular, doutor. – Respondeu a Tchisola.

– Ótimo! Então está em boas mãos.

– Ganhei na loteria, doutor. – Respondeu Kizua mais energizado.

E na manhã seguinte, ela foi buscá-lo ao hospital, levou-o para casa e depois de cozinhar, organizou a casa e ficou com ele o dia todo. Comeram, viram um filme e conversaram até adormecer e essa foi a rotina daqueles jovens durante muito tempo. E numa dessas jornadas, enquanto eles viam um filme, num leve descuido ou numa breve e sincera entrega, eles beijaram-se. Foi um beijo intenso, foi como se os seus lábios estivessem a tocar-se pela primeira vez, seus suspiros cruzaram-se como nunca antes. Nervosa, ela afastou-se e disse que precisava ir embora.



– Porquê que precisas ir embora agora? O que te amedronta, Tchisola? Eu te amo e tu também me amas, só tu insistes em fugir disso.

– Não, não me amas, se me amasses não terias feito o que fizeste.

– Eu errei contigo, fiz-te sofrer, eu sei, mas eu apercebi-me do meu erro e hoje sou um Kizua completamente diferente daquele que tu conhecestes.

– Porque fizeste o que fizeste comigo? Ajuda-me a entender.

– Olha, eu não poderei explicar o motivo, aliás nem eu sei bem qual é, mas eu não estava numa fase boa. Eu agi por medo e com medo... um dia entender-me-ás, eu juro! Um dia entenderás tudo. – Garantiu ele segurando ela pelo braço e prosseguiu. – Saiba apenas que te amo com todo o meu coração e te amarei para sempre. Mesmo quando eu não estiver mais aqui, te amarei em cada toque, em cada olhar, em cada palavra, em cada brisa, em cada lugar, em cada som. Eu estarei aí contigo.

Depois daquelas lindas e profundas palavras, ele a abraçou e ficaram só borbulhando nas emoções terminando assim a discussão. Minutos depois ela o soltou, enxugou as lágrimas, segurou as suas coisas e foi-se embora.

Ela saiu dali sem saber o que fazer, quis ir para casa, mas lembrou-se que os seus pais não gostariam nada de saber que novamente ela estava mal e pela mesma pessoa.



Então se lembrou de alguém que a podia ajudar, ligou e ficou sentada no passeio de uma rua isolada à espera da dita ajuda.

– Qual é a maka, minha menina? Cheguei o mais rápido que pude. Está tudo bem?

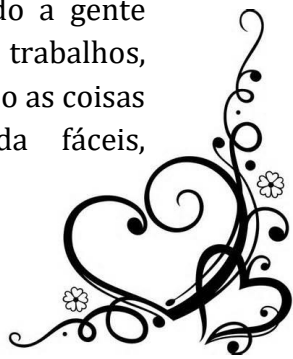
– Obrigada por ter vindo até aqui, Doutor. Eu não estou bem e não sabia o que fazer nem a quem recorrer.

– Não te preocupes com isso, sabes que eu estarei sempre disponível quando precisares. Conta-me o que aconteceu.

E ela explicou detalhadamente o que tinha acontecido, lacrimejando e soluçando enquanto narrava. O doutor ouvia-a atenciosamente e sem dizer uma só palavra abraçou-a até que se acalmou. Depois de tanto tempo como paciente, Dr. Ondjaki apegou-se à Tchisola como se ela fosse sua filha.

– Eu não sei o que fazer, Dr. Eu não estou pronta para passar por tudo isso outra vez. E se as coisas derem errado novamente? Eu acho que ele só quer me usar, doutor e se, e se...

– Fica calma, querida! Não te questiones tanto, eu compreendo, eu estou aqui contigo. Vai correr tudo bem, vamos encontrar uma solução. É óptimo quando a gente começa alguma coisa, seja em projectos, trabalhos, relacionamentos. Difícil é ter de recomeçar quando as coisas dão erradas. Os recomeços não são nada fáceis,



principalmente quando se trata de relacionamentos. Vem o medo, vem a indecisão, a dúvida. Mas me responda uma coisa, ainda gostas dele e isso está claro, mas acreditas que poderia dar certo?

– Se ele realmente estiver mudado acredito que sim.

– E acreditas que ele mudou?

– Parece que sim e durante o tempo que a gente namorou, ele sempre foi bom comigo. Eu não sei porquê que ele agiu assim, mas me parece bem diferente daquele rapaz que me envergonhou perante a Escola inteira.

– Imagines que és ele e ele é tu, se darias uma segunda chance?

– Sim, com certeza daria, porque eu realmente estaria disposta a mudar e a melhorar por ele.

– Então aí tem a resposta às tuas perguntas.

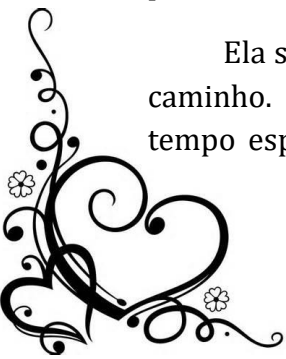
A jovem pousou numa silenciosa reflexão e o Dr. limitou-se a apreciar.

– Já está tarde, não achas melhor ires para casa, os teus pais devem estar preocupados contigo.

– Sim, mais uma vez obrigada, Doutor! essa conversa fez-me muito bem, obrigada mesmo.

– Sempre que precisar, coração de gelo, sempre que precisar.

Ela sorriu. Eles despediram-se e cada um seguiu o seu caminho. Kizua decidiu não incomodar Tchisola por um tempo esperando que ela desse algum sinal, mas a jovem



decidiu desaparecer. Depois de uma semana, Kizua já tinha voltado a trabalhar e certo dia, enquanto saía do hospital viu a Tchisola sentada num dos bancos do pátio daquele hospital. Tentou fingir que não a viu e apressou o andamento, mas ela o seguiu.

– Nem sequer vais-me cumprimentar? – Inqueriu a jovem.

– Acho que eu sou a última pessoa que queres ver na vida, incomodei-te tanto que desapareceste por semanas. – Respondeu o Kizua.

– Poderias ter-me ligado.

– E ser rejeitado outra vez? Olha nem precisavas ter desaparecido daquele jeito, se querias que eu te deixasse em paz era só dizeres. Eu desapareceria da tua vida de uma vez por todas e nunca mais te procuraria.

– Tu não mudas mesmo né? Continuas o mesmo egoísta de sempre. Só pensas em ti. E se tivesse acontecido alguma coisa comigo?

– Aconteceu? Não! Então podes desaparecer tal como querias.

E respirando fundo ela olhou para ele e disse:

– Olha, eu não vim aqui discutir, peço desculpas por ter agido como agi e por ter desaparecido como desapareci. É que eu precisava de algum tempo para pensar, ajustar as ideias.



– Está bem, tu estás certa, acho que exagerei um pouco, desculpa.

– Podemos sentar e conversar?

– Sim, vamos.

E sentaram-se num dos bancos.

– Eu passei esses últimos dias pensando em nós e se ainda haveria uma solução.

– E chegaste a alguma conclusão?

– O sentimento que havia em mim continua o mesmo, eu fico com medo de novamente me magoar e isso me paralisa, mas estou disposta a tentar mais uma vez, eu acredito em ti e acredito em nós.

– Tens certeza do que estás a dizer? Olha, eu não quero que te sintas pressionada a nada. É muito normal tu não querereres mais tentar, eu entendo numa boa, vou seguir o meu caminho e vou superar mais cedo ou mais tarde.

– Calma, se eu vim aqui dizer isso é porque tenho a certeza. Eu amo-te e estou disposta a tentar mais uma vez por nós.

– Sério? Não fazes ideia do quanto esperei para ouvir isso. Eu não vou decepcionar-te e se isso acontecer algumas vezes eu prometo melhorar por ti.

Eles sorriram, abraçaram-se e assim ficou marcado o recomeço daquela relação.





CAPÍTULO 7

Depois de alguns meses, Kizua recebeu a notícia de que o pai estava muito mal no hospital e que desejava vê-lo uma última vez. Mas ele com todo o rancor que guardava do pai, não quis vê-lo.

– Devias ir! – Aconselhou a namorada.

– Não! Por que eu veria um homem que tanto me maltratou, um homem que quase me matou, ele nunca me amou, por que quer ver-me agora?

– Olha, eu não sei, mas se quisermos saber terás de ir para lá. Olha, amor, eu sei que é difícil, mas uma coisa que aprendi nos últimos tempos é que os nossos pais sempre serão nossos pais mesmo sendo frios, ausentes ou até agressivos, continuarão a ser os nossos pais. E por mais que digamos que não, em algum momento das nossas vidas eles farão falta. Tu precisas vê-lo, ouvir o que ele tem a dizer e perdoá-lo, fazer isso por ele e principalmente por ti, para dares paz a ti mesmo, para que o teu coração não viva com rancor ou com amargura. Liberta-te disso, amor. Deixa que ele vá em paz. Tu mesmo me ensinaste que precisamos



ouvir o que as pessoas têm a dizer quando se mostram arrependidas, ou não?

– Mas é tão difícil.

– As coisas que realmente precisam ser feitas geralmente são difíceis de se fazer, às vezes para que uma dor sare precisamos sentir uma dor ainda maior e então quando sarar, sarará de uma vez só. Vai lá, amor. Sei que consegues.

No dia seguinte, ele foi ver o pai, entrou naquele quarto e ficou a observar o pai que nunca tinha sido pai naquela cama. Estava irreconhecível, magro, pálido, era deprimente só de ver.

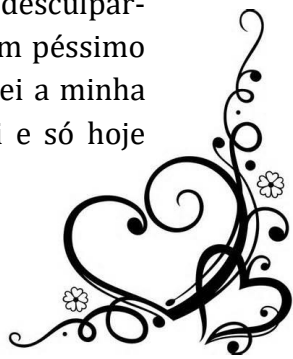
– Oi, filho! Vieste! – Exclamou o pai emocionado pela vinda do filho.

E ele ficou só a observar, com a mão na bochecha tentando não chorar.

– Não precisas dizer nada. Eu já fico feliz por teres vindo até aqui, muito obrigado, meu filho querido! Agora eu só preciso desculpar-me e assim já poderei morrer em paz.

O filho quis responder, mas o pai interrompeu:

– Não, filho! Deixa-me terminar. Eu quero desculpar-me contigo, eu preciso que me perdoes! Eu fui um péssimo pai para alguém que foi um ótimo filho, eu deixei a minha pequena criança crescer sem amor, sem um pai e só hoje



percebo o quanto falhei. Perdoa-me por não ter estado contigo nos momentos em que caíste, por não ter enxugado as tuas lágrimas quando precisaste de um lenço, por não te ter abraçado quando precisaste de um ombro amigo, por não ter comemorado contigo as tuas pequenas e valiosas conquistas. Depois da tua mãe morrer, eu vi-me sem chão, filho. A minha vida deixou de ter sentido, esqueci-me de quem eu era, passei a ver em ti a única pessoa que me lembrava que eu não tinha mais o meu amor por perto; que o amor da minha vida não estava mais por perto. Eu endureci o meu coração e deixei-te viver de um amor fantasma, um amor que não podias sentir, um amor que eu sentia, mas não expressava, um amor que tu sentias, mas que não podias expressar. Pois, desde cedo viveste reprimido por um pai que te privou de tudo o que uma criança precisa, o amor.

– Eu gostaria que o pai tivesse enxergado isso mais cedo, que não tivesse sido necessário estar no leito de um hospital para perceber as suas falhas e arrepender-se. A vida é curta, pai e muito traiçoeira. Ela coloca as melhores pessoas nas nossas vidas e ela mesma se encarrega de tirar, por isso, é importante que saibamos valorizar e cuidar das pessoas que realmente são importantes para nós. Eu compreendo o que sentiu, mas isso não justifica o que o pai fez. Os pais são o maior tesouro que os filhos podem ter e os filhos o maior tesouro que os pais podem ter e como todo o tesouro, precisa ser valorizado, protegido e bem cuidado.



– Os pais não são perfeitos, filho!

– Eu sei, pai, mas olhe, é muito importante que os pais cuidem dos filhos, que eles estejam presentes, que façam parte das suas vidas, pois isso influencia muito na saúde mental, emocional, espiritual e física do filho. Nenhum filho merece crescer privado do amor dos pais, nenhum filho merece crescer a sofrer maus tratos.

–Talvez se a tua mãe ainda estivesse aqui, não estaríamos passando por isso agora.

– Perder uma esposa não é nada fácil e eu sei, mas o parceiro não é o único que sofre com isso, fica uma criança órfã, uma criança que sem entender o porquê, vive sujeita a crescer longe da mãe. Essa criança precisa de apoio, precisa de amor, precisa de educação para que não se prenda em suas masmorras psíquicas estando assim sujeito a cair em transtornos como depressão, ansiedade, stress, imediatismo, vícios como álcool, droga, prostituição. Às vezes precisamos esquecer as nossas dores para suportar a dor dos outros. O pai sabia que muitas crianças deixam de ter um bom aproveitamento escolar pela falta do amor que deviam receber dos pais, perdem a auto-estima, vivem se auto-mutilando com pensamentos suicidas e uns até mesmo tiram a própria vida tudo pela ausência desse amor, pela violência a que são expostos desde cedo? Muitos pais vivem com filhos que estão vivos por fora e mortos por dentro.



– Não, meu filho, não fazia ideia! Mas imagino que muitos, mesmo passando por isso ainda possam se tornar grandes homens como o que estou vendo a minha frente agora.

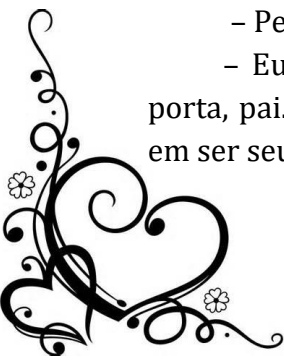
– Eu poderia ter crescido assim, pai se eu tivesse deixado o meu coração esfriar de tanta dor, mas graças a Deus isso não aconteceu. Pois eu aprendi que o nosso passado não determina o nosso futuro e que em vez de apodrecer o meu coração pelo que não recebi, posso amolecê-lo para poder dar aos outros o que eu sempre quis receber, aprendi que deixar o meu coração e visão sobre a vida apodrecerem pelo toque do meu opressor, mesmo já estando livre dele faz de mim um “livre preso”.

“Não precisamos esperar as pessoas estarem prestes a morrer para dizer que as amamos; não precisamos esperar o último dia para nos desculparmos, para nos arrependermos e só assim valorizar.”

E o pai, remoendo-se de dor e arrependimento começou a chorar.

– Não chore, pai – interrompeu o filho –Eu já sou um homem feito e muito bem feito, tenha orgulho disso.

– Perdoa-me, meu filho! Perdoa-me por favor!
– Eu perdoei-o no momento em que passei por essa porta, pai. Eu amo-o e apesar de tudo tenho muito orgulho em ser seu filho.



– Por favor, faz diferente com os teus filhos um dia!

– Não posso prometer nada, querido pai, pois a vida é traiçoeira e talvez eu nem viva para ter filhos. Mas pode ter a certeza de que eu saberei cuidar e valorizar todas as pessoas que passarem pela minha vida. Agora descanse, pai! não se esforce tanto.

– Obrigado por me teres perdoado, filho. Agora poderei morrer em paz.

O filho abraçou o pai e deixando cair suaves lágrimas sobre o rosto, viu o pai embalar num belo sono, num sono profundo do qual não mais acordaria. E do seu lado chorou profundamente.

– Descanse em paz, meu pai! Descanse em paz! –
Finalizou o Kizua.

Foram as últimas palavras que ele proferiu enquanto olhava no rosto do pai, fechando os olhos do mesmo e de seguida cobrindo-o com um suave lençol branco, tão branco quanto a neve. Dr. Ondjaki, que nesse dia estava em serviço nesse mesmo hospital e nesse mesmo horário, reconheceu Kizua e foi ter com ele.

– Muita força, meu jovem. A vida é mesmo assim, uns vão mais cedo. Só tens de ter coragem. Muita força, meu rapaz!

– Muito obrigado, Doutor!

– Chegaste a perdoá-lo?



– Perdoei sim, nas piores circunstâncias, mas eu perdoei de todo o coração.

– Fez muito bem, meu rapaz. O perdão é muito importante na vida de qualquer ser humano. Dá paz e alívio ao coração de quem perdoa, paz e conforto ao coração de quem é perdoado. Quem não perdoa enraíza no coração a dor e a amargura, vive com um peso às costas, vive dando um passo em frente e outro atrás, roubando a sua própria paz. Precisamos perdoar 70×7 mesmo que a pessoa em questão tenha nos feito muito mal. O nosso perdão pode sarar um coração que se encontra ferido e abatido. Perdoar sem olhar para o passado, pois muitas vezes aquela pessoa que mais nos causou dor é quem mais precisa ser curado, é quem mais precisa de perdão.

– Isso mesmo, é isso mesmo. Acho que agora tenho de ir organizar as coisas, comunicar a família e preparar tudo para o funeral.

– Não te preocupes com isso, que o hospital tratará de tudo, filho.

– Não é necessário, Dr.! Eu farei isso.

– Fazes muito mais por nós aqui no hospital do que qualquer ajuda poderia retribuir, meu jovem. Fazemos família por onde passamos e acredita, tens aqui uma grande família. E como família, responsabilizar-nos-emos pelo funeral.

– Muito obrigado!

– Não agradeças, quem faz o bem merece ser pago com o bem também.



Eles se despediram e Kizua foi para casa onde encontrou a namorada que logo o abraçou. Tchisola foi o seu maior apoio desde o dia da morte até ao dia do funeral, ela não o deixou nem por um segundo.

– Desde que a minha mãe morreu que há um grande vazio em mim, a minha vida mudou completamente. O meu coração encheu-se de um grande vazio, mas tu preencheste uma grande parte desse vazio; tu e todas as crianças de quem eu cuido no hospital. Vocês fazem de mim um ser humano melhor e dão-me motivos para continuar. Muito obrigado por tudo, meu amor! Obrigado mesmo.

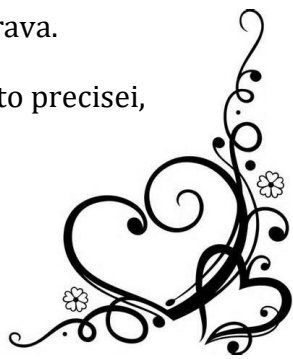
– Até depois da morte? – Perguntou ela com um sorriso e posicionando o punho para dar koole.

– Até depois da morte. – Confirmou ele retribuindo o koole e o sorriso. Continuou. – Amo-te muito, minha gata, amo muito mesmo.

– Também te amo muito, querido. Nem imaginas o quanto.

Depois do funeral, um advogado procurou Kizua e informou que ele havia herdado uma enorme quantia do pai, uma loja de roupas e um Ferrari. Ele ficou totalmente chocado, nem acreditava no que ouvia, o pai tinha uma grande fortuna e ele nem sabia, o pai tinha possibilidades e nunca o ajudou. Ele nem sabia se sorria ou se chorava.

– Eu não preciso disso agora. Quando eu tanto precisei, eu nem sabia que existia.



– Minha mãe sempre diz que enquanto os pais estão vivos e têm possibilidades, devem ajudar os filhos suprindo o máximo de necessidades possíveis. – Argumentou a namorada.

– Mas não foi isso que aconteceu comigo.

– Infelizmente não, meu bem. Mas o dinheiro é teu por direito, precisas fazer alguma coisa. – Concluiu a Tchisola.

Então ele decidiu colocar a casa em nome da esposa, ficou com o carro, vendeu a loja e acrescentando esse dinheiro ao que já tinha, deu vida a um de seus projectos, um centro oncológico pediátrico e foi mais uma conquista na vida do jovem.



CAPÍTULO 8

Depois de alguns anos, Kizua deixou de ser estagiário e passou a trabalhar oficialmente no hospital, como doutor especialista na área de Oncologia. Foi uma das maiores conquistas na vida do jovem casal. Ele comprou uma casa nova e no ano seguinte Tchisola licenciou-se em Psicologia clínica; Kizua fez o alambamento e prepararam-se para o casamento, escolhendo Dr. Ondjaki como padrinho. Casaram e foram morar juntos na nova casa.

Certo dia, enquanto eles conversavam no jardim da rua em que moravam, ouviram uma criança aos gritos porque tinha prendido o pé no pedal da bicicleta em que passeava. O jovem doutor foi então rapidamente socorrer a menininha, soltou o pezinho dela, mas enquanto puxava pancou-se e cortou o braço. Foi um ferimento profundo e sangrava muito. A mulher correu para socorrer o esposo.

- O que foi, amor?! Está tudo bem?! - Indagou a Tchisola preocupada.

- Eu estou bem, só me feri um pouco.



– Mas está a sangrar muito! Não achas melhor irmos ao hospital?

– Não! Vou ao hospital, acompanha a menina até à casa.

– Espera que eu vou contigo.

– Não! Eu vou sozinho, depois ligo. Por favor, espera eu ligar. Não me liguês e nem liguês para o hospital, vou aproveitar para fazer algumas coisas por lá.

– Está bem, como achares melhor.

Ele foi ao hospital e ela levou a menina para casa. Já era quase meia-noite e o marido não regressava. Ela ficou preocupada e não pregou o olho a noite inteira. Por volta das 2h recebeu uma ligação do hospital, era o marido e pediu que ela fosse para lá. Eram 3h da manhã quando ela chegou ao hospital e deparou-se com o marido numa cama de hospital e o mesmo não parecia nada bem.

– Amor, por que estás aí nessa cama? Foi apenas um corte, não? Por que pareces tão debilitado?

– Fica calma, amor. Senta aqui, precisamos conversar.

E depois de ela se sentar numa cadeira que estava perto da cama ele segurou a sua mão e começou a falar:

– Devido a alguns traumas, ou seja, as porradas que eu recebia do meu pai, eu desenvolvi um distúrbio conhecido por hemofilia. É um distúrbio que impede a coagulação do sangue favorecendo hemorragias. Eu tenho feito tratamento



ao longo desses anos todos, ou seja, reposição do factor VII que é o meu caso. Eu descobri isso na época em que nós começamos a namorar e não sabia o que fazer, nem como reagir; fiquei revoltado com tudo e todos. Por isso decidi não continuar contigo e vi na traição uma óptima justificativa. Não era eu, era a minha dor a falar mais alto e a agir por mim. E lembras-te da doação? Foi por isso que eu fiquei tão fraco e precisei ficar internado. E agora, bem... essa condição faz com que eu sangre em grande quantidade e com que os meus ferimentos demorem muito para sarar e isso causa dor, alguns hematomas e hemorragias internas em algumas partes do corpo como nos meus joelhos, por exemplo. Por isso estou nessa cama.

– Por que não me contaste? – Perguntou a esposa, totalmente devastada.

– Eu não consegui aceitar, por isso eu escolhi fazer Medicina, achei que encontraria alguma cura ou algo assim.

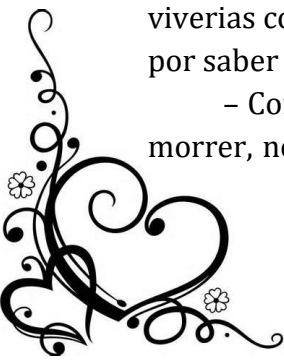
– Eu não acredito que isso está a acontecer! Diz que é brincadeira Kizua, por favor, diz que é uma das tuas piadas!

– Infelizmente não é.

– Eu merecia saber disso antes, Kizua. Como pudeste esconder isso de mim? Eu sou tua esposa.

– Eu sei, amor, eu sei. Perdão! Mas eu não poderia deixar-te viver com esse peso. Eu conheço-te e sei que viverias com medo e não aproveitarias os momentos comigo por saber que a qualquer momento eu poderia morrer.

– Como assim morrer? Não exageres, marido. Não vais morrer, nós vamos voltar para casa, vamos ter filhos lindos



e seremos muito felizes. – Refutou a esposa tentando acalmá-lo.

– Não, amor! Por favor não cries expectativas, eu estou com os dias contados.

– Estás a brincar, só pode! Só pode! – Repetia ela depois de cair, sendo ajudada pelos médicos a levantar- se do chão e novamente sentou- se perto do marido.

– Eu sei que é difícil, amor. Eu sei que é difícil, mas nós vivemos os melhores anos juntos, fomos felizes, isso é o mais importante. E lembra-te, eu te amarei para sempre, em cada toque, em cada brisa, em cada som. Em todo o canto sentirás o meu amor, em todo o canto eu estarei a cuidar de ti não importa onde estejas, com quem estejas. Quando sentires saudades, fecha os olhos e sintame, eu estarei lá; quando quiseres ver-me, olhe para o céu e eu estarei lá; quando quiseres ouvir-me ouça nossa música favorita e quando quiseres falar, fala com Deus, eu saberei. Prometemos estar juntos até depois da morte, lembras?

E ela sem forças e sem acreditar no cenário, não mais respondeu.

– Vai ficar tudo bem. Mas me promete uma coisa! – Prosseguiu o esposo.

– O quê?

– Não deixarás o teu coração esfriar, deixarás o amor entrar quando ele bater a tua porta.

– Não, Kizua! Para com isso! Tu és o meu marido, MEU MARIDO, KIZUA. O meu coração só tem espaço para ti.



– Promete, por favor! Ou pelo menos encara isso como um último pedido.

– Não! Nunca! E chega já de falar disso, marido, descansa, vais acordar melhor. – Finalizou a Tchisola.

Ela esforçou-se para conter as lágrimas enquanto passavam pela sua mente todas as lembranças, todos os momentos. Perguntando-se se tudo aquilo iria com o vento, se tudo aquilo se perderia com o tempo; pensando nos planos, nos sonhos que ainda estavam por realizar, nos filhos que ainda poderiam ter. E ficaram assim até ao nascer do sol. Kizua adormeceu e ela decidiu ir à casa pegar roupas para ele.

Enquanto saía do hospital, Tchisola sentiu uma leve tontura e quase caiu. As enfermeiras ajudaram-na e disseram que seria melhor que por uma questão de prevenção ela fizesse uns exames antes, só para ver se estava tudo bem. Então ela fez e depois de mais calma foi para casa. De regresso, uma das enfermeiras chamou-lhe e disse que já tinha o resultado dos exames.

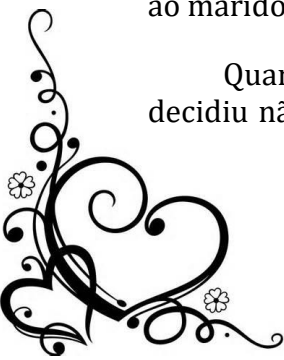
– A doutora está grávida. Parabéns!

– Tens certeza? Esse exame é mesmo meu? – Questionou Tchisola não acreditando no que ouvia.

– Sim, doutora! Tenho a certeza absoluta, os meus parabéns. Com certeza o Dr. Kizua ficará muito feliz.

– Obrigada! – E saiu às pressas para contar a novidade ao marido.

Quando lá chegou ele ainda estava a dormir então ela decidiu não o acordar, mas não demorou muito e chegou o



doutor acompanhado pelo enfermeiro para dar a medicação.

– Doutor, ele continua a dormir, parece uma pedra, acho que exageraram no sedativo.

– Qual sedativo? Nós não demos nenhum. Há quanto tempo ele está a dormir?

– Desde que o sol nasceu.

– Ah, meu Deus! – Exclama o doutor pasmo depois de consultar o paciente. Continua. – Equipa médica aqui, é urgente! E a doutora precisa sair daqui agora.

– O que se passa, doutor? O que há com o meu o marido? – Gritava ela aos prantos.

Seguraram-na e colocaram-na para fora do quarto. Depois de alguns minutos os médicos saíram.

– Sentimos muito, doutora Tchisola, mas o seu marido faleceu.

Aquelas palavras foram como lâmina no coração de Tchisola. Ela ficou imóvel, caiu no chão sem forças acabando por desmaiar. E quando acordou, estava ela numa cama de hospital e os seus pais com ela.

– Ah! Minha filha, acordaste, graças a Deus! – Celebrou a mãe aliviada chamando os doutores de seguida.

– Como assim, mãe? E onde é que está o meu marido? sonhei muito mal yea! Sonhei que ele tinha morrido. Chamem-no por favor.

– Não foi um sonho, doutora. – Respondeu o médico que tinha entrado pela chamada da mãe.



– Como assim? Parem lá de brincadeiras e chamem o Kizua. – Insistiu ela irritada.

– Minha filha, o teu marido já não está entre nós há mais de 2 meses. Quando soubeste, desmaiaste e ficaste inconsciente esse tempo todo, tivemos medo que tivesses tido uma morte cerebral, mas graças a Deus estás aqui e a tua filha está bem também. – explicou o pai.

Ela então retirou o lençol que cobria seu corpo e viu a sua enorme barriga. Ficou em choque, tudo o que ela queria era que tivesse sido apenas um pesadelo, mas para a sua surpresa, o pesadelo era bem real. O mundo daquela jovem desfez-se por completo, perdeu o marido e agora havia um bebê que nasceria sem pai. Tudo o que restou para ela foi um Ghost Love, um amor que ela poderia sentir em cada brisa, em cada som, em cada canto, mas não podia ver nem tocar. O seu amor fantasma.

Fim.



“Te amarei para sempre, em cada toque, em cada palavra, em cada beijo, em cada abraço, enquanto estiver aqui. E quando não estiver, te amarei em cada brisa, em cada som, em cada fotografia, em cada lembrança”. **(Kizua)**.

“Não espere o seu amor virar um fantasma para que desejes poder tocá-lo”. **(Tchisola)**.



MINHAS FRASES “GHOST LOVE”

- A vida é um momento e nada melhor do que vivermos esse momento com amor.
- A vida é um sopro e deve ser vivida da melhor forma antes que chegue o último suspiro.
- Devemos ser estrelas na terra e exalar o brilho que há em nós enquanto estamos aqui, pois, infelizmente o céu não devolve estrelas.
- Não deixe as pessoas à sua volta morrerem por não se sentirem amadas, faça-as viverem sentindo-se amadas.
- Um abraço, um toque, uma ligação, uma mensagem, pode ser tudo o que falta para você reavivar um coração que está morrendo aos poucos.
- Os gestos só têm valor enquanto quem os deve receber está em vida.

Deusa’h Oliver.



Como contributo cultural, este livro procura preservar a identidade africana, daí a predominância de nomes africanos, particularmente angolanos.

Alguns nomes e seus significados:

Kahosi – nome em umbundo que significa: Pequeno leão.

Zola – nome em Kikongo que significa: Amar.

Tchika – nome em umbundo que significa: Aquele que se adapta.

Yellen – nome em umbundo que provavelmente significa: Brilhou; alvoreceu, raiou.

Tchisola – Amor.

Kizua – Um dia.



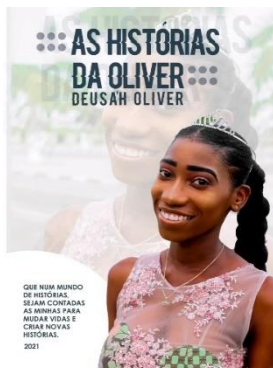
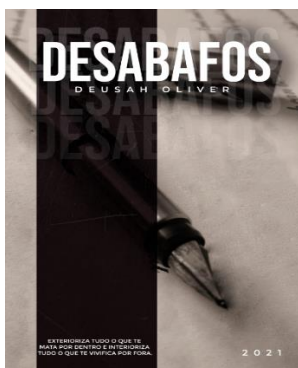
SOBRE A ESCRITORA



MARCELINA OLIVEIRA DOS SANTOS CASSANGE, conhecida no mundo literário pelo epíteto Deusá'h Oliver, é uma jovem angolana, nascida aos 03 de Abril de 2003, em Malanje. Tendo concluído o ensino médio em Ciências económicas e Jurídicas, é agora estudante Universitária no Curso de Psicologia clínica, pois o entendimento sobre os cálculos não superou a sua paixão pelo estudo da complexidade da mente humana e dos seus fenómenos. Apaixonada por livros, línguas, filmes, música e por umas boas horas de sono, a escritora garante que para competir com isso, só o seu amor pelos sobrinhos.

Escritora, *influencer* motivacional e também empreendedora, criou o seu blog motivacional “**Bessangana**” em 2020 quando descobriu que ajudar as pessoas era o que realmente dava um propósito à sua vida e adicionando isso à escrita que, para ela sempre foi uma terapia; no ano seguinte lançou então o seu primeiro E-book motivacional intitulado “Desabafos” e desde aí não mais parou, brindando-nos agora com a sua obra “Ghost Love” onde com um toque de humor e paixão, ainda prima pela linhagem da reflexão e motivação.

Próximos livros da escritora:



CRÉDITO DE TRABALHO



Editor-chefe:
Admilson Faria



Editor textual:
Gonçalves Gongga



Capa:
Ildeberto Vasconcelos



Revisão:
Deusa'h Oliver



Paginação:
Alexandre Zua



PENSAR DIFERENTE, É LER EM UM CLIQUE